

Homilia do cardeal D. António Marto, por ocasião da celebração do Dia dos Pastorinhos



Homilias e Mensagens

www.fatima.pt/documentacao

Homilia da celebração
do Dia dos Pastorinhos

Basílica de Nossa Senhora
do Rosário de Fátima

20 de fevereiro de 2021

† Cardeal D. António Marto

Santos Pastorinhos, Estrelas da Proximidade, Compaixão e Ternura de Deus

Vivemos um tempo difícil para todos, um tempo de crise a vários níveis: crise sanitária, económica, social, ecológica, cultural e também a crise de relações humanas, talvez a mais grave. A pandemia marcou a vida das pessoas e a história das nossas comunidades e dos povos. Quando tudo está em crise, é muito fácil cair no desespero. Há necessidade de comunicar uma palavra de esperança.

Olhando para o nosso mundo ferido, o apelo que chega à Igreja para enfrentar e resolver a atual situação de pandemia é o de colocar a atenção na “cultura do cuidado recíproco”, como se depreende da mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz e da encíclica “Todos Irmãos”. Não se pode viver ignorando o outro porque “estamos todos na mesma barca”, todos interdependentes.

É esta também a mensagem que Nossa Senhora veio trazer em Fátima a um mundo em crise atingido por uma pandemia (a pneumónica) e uma guerra mundial. O cuidado de Deus pelo mundo é-nos testemunhado pelos santos Pastorinhos e deve inspirar o nosso. Podemos identificá-lo em três palavras muito usadas pelo Papa Francisco para caracterizar o estilo de Deus manifestado em Jesus: proximidade, compaixão e ternura.

Proximidade

O episódio do evangelho é um ícone expressivo da proximidade de Deus aos homens. De facto, em resposta à pergunta “quem ó o maior no reino dos céus”, Jesus chamou a si uma criança, colocou-a no meio deles e (abraçando-a) disse: “se não vos tornardes como as crianças, jamais entrareis no reino dos céus”; e noutra ocasião: “deixai as crianças vir a mim; não as impeçais, pois dos que são como elas é o reino dos céus...E, abraçando-as, abençoava-as, impondo as mãos sobre elas” (Mc 10, 14.16). Esta passagem mostra como Deus ama e cuida de todos os seus filhos, fazendo-se próximo, especialmente dos mais pequenos, isto é, dos mais frágeis, pobres, humildes, indefesos.

Nos colóquios com Nossa Senhora e na sua mensagem, os pastorinhos fizeram a experiência

gozosa desta proximidade de Deus até àquela intimidade intensa de que fala Santo Agostinho “Deus é mais íntimo a mim do que eu a mim mesmo”!

- “Do que gostei mais foi de ver Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!”; “Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!” “Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos. Como é Deus! Não se pode dizer!” (Francisco)

- “Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro em mim. Compreendo o que me diz e não O vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!” (Jacinta).

Nesta experiência davam-se conta de que a proximidade do amor de Deus se destinava a todos os homens. Quando eles diziam “Mas Deus está tão triste” referiam-se à tristeza do amor não correspondido, como quem diz: está triste porque o mundo está mal por causa dos pecados dos homens. E sentiam-se chamados a colaborar, com Deus no seu amor reparador, redentor do mundo e no alcance da paz. Eis a imagem de Deus que não está à distância, longe e indiferente, mas é um Deus que se faz próximo e se deixa aproximar por todos, mesmo os afastados e pecadores. Não exclui ninguém da sua misericórdia. Todos se podem aproximar d’Ele com confiança.

Compaixão

Na mensagem de Nossa Senhora, Deus não é indiferente à dor humana. É um Deus compassivo. A sua compaixão manifesta-se em Jesus como “Alguém que partilha o sofrimento humano e a sua suportação (capacidade de o suportar); a partir daí se propaga em todo o sofrimento, a consolação do amor solidário de Deus, surgindo assim a estrela da esperança” (n. 39).

Os Pastorinhos apreenderam um verdadeiro amor de “com-paixão” como participação na dor de Deus pelo sofrimento da Igreja perseguida e pelos terríveis sofrimentos da humanidade em guerra que eram expressão da crueldade do mal. Mostraram-se incansáveis na oração pelos doentes e pela paz, no sacrifício pela conversão dos pecadores, na partilha com os pobres. Eis algumas expressões mais significativas que nos mostram o seu coração compassivo e generoso:

“Havemos de rezar e fazer muitos sacrifícios pela conversão dos pecadores”; “Pedirei para que não venha a guerra”; “Eu não posso ver assim esta gente. Faz-me tanta pena! Digam-lhes que eu peço por eles” (Francisco ao ver alguns doentes)

A Jacinta Impressionada por uma visão diz à Lúcia: “Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não têm nada para comer? E o Santo Padre em uma igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com ele?”. O “fazer sacrifícios” é uma expressão do amor de compaixão, “amor que se sacrifica pelos outros e não sacrifica os outros” (Bento XVI). A cultura da compaixão é o antídoto à cultura da indiferença de quem desvia o olhar dos irmãos feridos à beira do caminho. Assim a Igreja é chamada a ser, na sua missão, um “hospital de campanha” que acolhe e cuida dos feridos e ajuda a curar as feridas com o bálsamo da compaixão.

Ternura

O Papa Francisco surpreende-nos ainda ao convidar-nos a descobrir a ternura de Deus para conosco e a nossa ternura na nossa relação com Ele e nas relações entre nós. Não se trata de um mero sentimento e emoção. Trata-se, antes, de uma atitude de afeto, acolhimento, atenção, escuta, compreensão, bondade expansiva capaz de tocar o íntimo, de fazer vibrar as cordas do coração. Podemos contemplá-la no evangelho de hoje. Os pastorinhos viveram esta ternura de

Deus, de Jesus e de Nossa Senhora para com eles e vice-versa. São um encanto de ternura.

“Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos pecados! Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria (5)!” (Francisco); “Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido.” (Francisco)

“Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo”; “Olha, diz a Jesus escondido, que eu gosto muito d’Ele e que O amo muito”: “Diz a Jesus que Lhe mando muitas saudades. “ (Jacinta)

Para com Nossa Senhora

“ Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu! Tu não gostas tanto de dizer muitas vezes: Doce Coração de Maria! Imaculado Coração de Maria!? Eu gosto tanto, tanto!”; “Beijo-o no Coração, [estampa do Coração de Jesus] que é do que mais gosto. Quem me dera também um Coração de Maria! Não tens nenhum? Gostava de ter os dois juntos”; “Aquela Senhora é tão nossa amiga”; “Não chore! Nossa Senhora é tão boa. Com certeza faz-lhe a graça que lhe pede”.

A ternura implica pôr no centro o rosto do outro, a sua presença física que interpela, o corpo de carne com as suas feridas e dor ou com a sua alegria contagiante. Nós, hoje, sofremos de um déficit de ternura nas relações agravado pela situação da pandemia.

O Papa Francisco, na encíclica “Todos Irmãos”, traduz esta ternura em termos de recuperar a amabilidade nas relações humanas.

“A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes... Uma pessoa amável deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes” (FT 224).

Os nossos queridos Pastorinhos são estrelas em que resplandecem a proximidade, a compaixão e a ternura como estilo da relação de Deus connosco e que devem tornar-se estilo do nosso cuidado recíproco, de uns pelos outros. Assim resistiremos à pandemia e venceremos o medo, a insegurança, a solidão, o desânimo e o sofrimento nos seus aspetos negativos. Não esqueçamos os três aspetos do cuidado recíproco: proximidade, compaixão, ternura. Confiemo-nos ao Coração Imaculado de Maria, Mãe da ternura. Com o seu cuidado materno, Ela nos ensina, como fez aos pastorinhos, a cuidarmos uns dos outros com proximidade, compaixão e ternura, para sentirmos que todos somos irmãos!